

Complexidade e fotografia

Complexity and photography

Matheus Mazini Ramos*

Silvia Laurentiz**

*Doutorando em Artes Visuais pela ECA/USP. Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba. Bolsista FAPESP. Integrante do grupo de pesquisa "Realidades". www.eca.usp.br/realidades.

**Livre Docente. Professora Associada da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Leciona no Departamento de Artes Plásticas, na graduação, e no Programa Pós-graduação em Artes Visuais, ambos da ECA-USP. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: laurentz@uol.com.br

Resumo: Atualmente, diferentes campos do conhecimento discutem a imagem e seu potencial de representação. A partir da complexidade fotográfica, fundamentada principalmente pelo conceito de Umwelt, apresentamos sua condição de simultaneamente ser mediação entre objetos e coisas: não sendo de fato "as coisas fotografadas do mundo", deixando clara sua condição ficcional, e sendo "coisas do mundo" (referente a elementos do mundo ainda não-objetivados).

Palavras-chave: Fotografia. Percepção. Umwelt. Sistemas.

Abstract: Currently, different fields of knowledge discuss the image and its potential of representation. From the photographic complexity, based mainly on the concept of Umwelt, we present the condition of the image be simultaneously a mediation between objects and things: not actually being "photographed things in the world", making clear its fictional condition, and being "things of the world" (referring to elements of the world still non-objectivated).

Keywords: Photography. Perception. Umwelt. Systems.

Introdução

Embora existam formas de conhecimento que não possuem algo em comum, arte e ciência compartilham algumas particularidades, e um núcleo comum, sua relação com o mundo: enquanto a ciência assume uma posição que a ocupa em construir esquemas conceituais ou representações que reflitam de forma objetiva a realidade do mundo, a arte, por sua vez, apresenta-nos uma posição que nos permite discorrer sobre as possibilidades do real (VIEIRA, 2008), conseqüentemente, realidades possíveis. Arte e ciência, desta forma, desempenham um importante papel, uma complementando a outra.

Entretanto, ambas, na tentativa de garantir a sobrevivência do sistema cognitivo que as cria, apresentam uma nova interface, que, segundo Jorge Albuquerque Vieira (2008), é desenvolvida ao longo da evolução dos sistemas cognitivos e da própria realidade. Esta interface tenta suprir de alguma forma as diferenças da realidade percebidas pelo sistema vivo. Para essas diferenças é dado o nome de informação.

Informação como diferença, que pode ser entendida como objetiva e/ou como aquela que é percebida e elaborada por um sistema cognitivo, logo com certo teor de subjetividade. Diferenças podem estar associadas às distribuições espaciais na organização de um sistema ou podem surgir ao longo do tempo, na evolução de alguma propriedade do mesmo. (VIEIRA, 2008, p. 78)

Faz-se necessário uma interface que codifique as diferenças/informações e as armazene em um sistema, de modo particular neste artigo, no sistema cognitivo do indivíduo. Este filtro de informações que cresce na medida em que se amplia a experiência do indivíduo com a realidade tem recebido grande atenção nos últimos tempos. Veremos o conceito de Umwelt, criado por Jakob von Uexküll, e depois muito bem trabalhado por Jorge Albuquerque Vieira, no texto supracitado.

Amplificação do Umwelt biológico

O conceito de Umwelt – termo que pode ser traduzido como “mundo ao redor” e/ou “mundo ao entorno” – primordialmente, veio dar conta do mundo objetivo da percepção dos animais em seu meio ambiente.

“You can see further that the Umwelt is an exclusively objective world, not because it does not involve things, but because it involves things only in known aspects” (DEELY,

2004, p. 20). Quer dizer que objetos, quando se tornaram conscientes (o que os diferenciam de “coisas”, para o autor), estão suscetíveis para serem investigados, de acordo com qualquer constituição intrínseca que possam ter ou através de uma mistura enquanto realidade socialmente construída. Outra questão importante é que por “mundo objetivo” não se está opondo a um “mundo subjetivo”, pois, na verdade, parcialmente, ou pelo menos sob alguns aspectos, inclui algo de subjetividade através da sensação, modo pelo qual o mundo objetivo é percebido.

Esta posição, John Deely explica:

The Innenwelt is subjective; it is the modeling system not only species-specific to each variety of animal, but also intrinsic to each individual of whatever variety. But the Umwelt is objective, a public realm within each species yet between all individuals of that species and, to some measure (if never completely), public even across some species. The human Umwelt is first of all an animal Umwelt, a species-specific objective world, but it is based on a biologically under-determined Innenwelt or modeling system. This modeling system, the species-specifically human Innenwelt, Sebeok¹ came to call "language" in the root sense, in contrast to the common (mis)use of the term "language" to mean what is in reality the exaptation of language to communicate and to constitute linguistic communication as the species-specifically human communication modality. (DEELY, 2004, p. 20/21)

Desta forma, linguagem é um tipo de adaptação da espécie (exaptação) para sobrevivência, baseada na experiência de cada espécie com o mundo.

A ideia surge da premissa de que cada animal possui seu mundo próprio, seu mundo particular, de modo geral, suas próprias percepções e, os mesmos devem ser entendidos dentro de seu habitat, meio em que vivem. Uexküll entendia o sistema vital de forma coerente onde o sujeito e um dado objeto observado, se definiam como objetos inter-relacionados em um todo maior. “O Umwelt seria assim uma espécie de interface entre o sistema vivo e a realidade, interface essa que caracteriza a espécie, em função de sua particular história evolutiva”. (VIEIRA, 2008, p. 79)

Essa ideia pode ser bem representada na forma de uma metáfora;

Uma metáfora esclarecedora seria imaginar um determinado sistema vivo como que preso em uma bolha, que não seria completamente ou perfeitamente transparente, mas que funcionaria como um sistema de filtros. É claro que a base biológica do Umwelt é fortemente associada aos canais de percepção do ser vivo. Mas além dos sistemas perceptuais, essa “bolha” envolve processos de elaboração interna de

¹ Refere-se a Thomas Sebeok, Sebeok, professor emérito da Universidade de Indiana, EUA, que ampliou o universo da semiótica incluindo cadeias sígnicas não humanas, cunhou o termo "zoosemiótica" e levantou algumas das questões abordadas pela filosofia da mente. Ele também foi um dos fundadores da biossemiótica.

informações nos sistemas nervosos envolvidos. Tendo-se em conta a hipótese ontológica de que a realidade é complexa, cada “bolha” ou sistemas de filtros seleciona características, representações, perspectivas da mesma de forma particular para cada sistema cognitivo (...). (VIEIRA, 2008, p. 79)

Com isso, grande parte da informação que um sistema vivo recebe da realidade que o rodeia é armazenada e codificada em seu universo particular e, na medida em que o mesmo sistema se depara com outras realidades ou experiências, a bolha de informações que o cerca tende a aumentar e/ou enriquecer, como um círculo vicioso. O Umwelt é representado pela interface capaz de armazenar códigos/informações captadas da diferença que é proporcionada pela realidade, esses códigos/informações podem ser analisados também como a ‘função memória’ de um sistema vivo.

Como um Umwelt seleciona e filtra informações providas do ambiente e as internaliza de forma codificada, todo material que um sistema vivo dispõe para construir conhecimento é representacional, ou seja, é construído de “algos” que representam um “algo externo” para um “algo” particular, que é o sistema cognitivo. Esta última conceituação, triádica, envolvendo os 3 “algos”, é o que Peirce chamou de Signo. (VIEIRA, 2008, p. 79)

Esta noção de Signo amplia a posição anteriormente apresentada por Deely de linguagem e o surgimento de sistemas comunicacionais como estratégia de permanência da espécie.

Não só os sistemas vivos, mas todos os outros sistemas, para sua sobrevivência e sua permanência no tempo, precisam estar atentos às variações de uma dada realidade e, principalmente, serem sensíveis às características que são importantes dessa realidade.

Contudo, segundo Vieira (2008), tendo em vista que o conceito de Umwelt é a interface, a ponte entre o mundo da realidade objetiva e o mundo das representações de um sistema cognitivo, não pode ser visto somente como objetivo. Nem tão pouco como subjetivo, valendo-se do fato de ser uma mediação, pois a subjetividade tem que estar ancorada pela objetividade, caso contrário, o indivíduo não sobreviveria por não conseguir adaptar-se bem à realidade, e vice-versa. É neste ponto que o conceito de Umwelt torna-se amplificado.

Mas há um ponto fundamental para a espécie humana, que já foi observado por vários filósofos contemporâneos. Nosso Umwelt já deixou de ser meramente biológico. A complexidade humana, principalmente manifestada pela extrasomatização de signos constitui as esferas do psicológico, do psicosocial, do social e do cultural. (VIEIRA, 2008, p. 80-81)

Por essa razão, vivemos hoje em um mundo permeado de signos pertencentes às mais variadas áreas de conhecimento e que compreende, portanto, vários níveis de complexidades, não apenas do sistema biológico.

O termo filosófico “mundividência” (VITA, 1964), o qual significa “visão do mundo”, abarca o conceito, amplificado, desenvolvido por Uexküll. Mundividência implica em um conceito de informações, adquiridas ao longo da vida, desde nosso nascimento até nossa morte, das diferenças proporcionadas pela realidade e que consolidam e formam nossa posição sobre o mundo, pois, cada indivíduo possui um contexto sistêmico de natureza histórica, cultural, hereditária e, na contemporaneidade, midiática.

Desta forma, o conceito de “Umwelt amplificado” que pode ser representado pelo conceito filosófico de “mundividência”², torna-se uma potencial ferramenta para percebermos e lermos um mundo que, cada vez mais, passa a ser um mundo de signos, de representações, o que reflete de forma direta nas próprias questões que envolvem, por exemplo, o sistema fotográfico.

Os signos filtrados e armazenados pelo Umwelt podem direcionar a forma com que percebemos e concebemos as complexidades das representações – da realidade concreta – apresentadas pela imagem fotográfica na medida em que dá subsídios ao leitor da fotografia que permite, além de um conhecimento específico do código fotográfico, nas mais variadas áreas, caminhar para um processo de semiose. Este último refere-se ao termo introduzido por Charles Sanders Peirce para designar um processo de significação ou produção de significados.

O que Peirce denomina semiose, ou ação do signo, se consolida nessa tríade signo/objeto/interpretante que se movimenta, tanto no sentido de continuar na geração de interpretantes como na de se aproximar do objeto. Assim, o signo gera um interpretante e esse, por sua vez, passa a exercer o papel de signo – outro signo –, assim gera outro interpretante, sucessivamente.

No movimento dessa tríade, o homem desempenha o papel de mediador entre um signo e outro e o signo, por sua vez, é um mediador entre o homem e o mundo. Desta forma, podemos afirmar que o signo peirceano é potencialmente qualificado para ser um produto do Umwelt, uma vez que o mesmo filtra as informações vindas da realidade e as internaliza. Sendo assim, todo material que um sistema vivo possui para ler o mundo tem um caráter

² Outro termo utilizado para tratar de assunto correlato é “Semiosfera”. Fica aqui registrada a importância de um novo trabalho sobre a relação entre Semiosfera, Umwelt e Mundividência. Neste momento podemos citar o livro “Semiótica da cultura e semiosfera”, organizado por Irene Machado, pela ed. Annablume, SP, em 2007.

substancialmente representacional. Jorge Albuquerque Vieira reforça esta afirmação dizendo que só acessamos no mundo o “semioticamente real” (VIEIRA, 1994, 2008).

Essas reflexões firmam que a fotografia - que envolve uma técnica -, desenha, engendra e constrói uma linguagem. Os aparelhos, que quando manipulados lançam ao mundo objetos diferentes – as fotografias -, constroem processos que são observados no tempo. Eles engendram novas relações entre as pessoas, bem como relações entre eles e as pessoas, relações estas que envolvem também outros aparelhos já existentes. A engenharia dessas relações constitui a linguagem, no caso, a fotográfica.

Deste modo, a fotografia constrói significados, uma vez que pode afetar nossos sentidos, provocar reações imediatas e nos levar também às reflexões, ou seja, nesse caminhar, a fotografia – como objeto do mundo –, se transforma, se converte em signo, substrato para nossa consciência. Mas essa linguagem é distinta da linguagem verbal, uma vez que ela é constituída por formas visuais representadas, signos distintos da palavra, que apresentam ou representam coisas do mundo visível.

Permanência do Umwelt

Pelos motivos apresentados, a fotografia se qualifica, também, como uma importante estratégia de sobrevivência do Umwelt, na medida em que se transforma em linguagem, é memória, e efetua um importante papel na permanência de um sistema no tempo. Para Vieira “memória é uma grande solução evolutiva. Da mesma forma que o código genético preserva a informação e a propaga, uma obra de arte é guardada, evocada, transmitida pela cultura de um povo”. (VIEIRA, 2008, p. 95)

A íntima relação da fotografia com a realidade que nos cerca, e sua capacitação técnica, bem como contextual, de deter informações sobre tal realidade, faz com que a imagem fotográfica se apodere de características que são peculiares ao real, enfatizando a relação mimética com seu referente. Tais observações, que no atual campo de estudo – o da fotografia –, já foram vastamente discutidas por diversos pesquisadores da imagem, hoje, nos dão subsídios em pensar a fotografia como uma importante ferramenta do Umwelt para preservação da espécie no tempo.

Ontologicamente, a imagem fotográfica participa de uma realidade diferente daquela que a gera, pois se trata de uma bidimensionalidade, uma imagem plana, diferente da visão

tridimensional humana, mas seu poder de registro, documento, de fixar espaço e tempo, torna a mesma uma potencial ferramenta para “comutação” do real.

A fotografia, uma das invenções que ocorreram naquele contexto, teria papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística. (KOSSOY, 2001, p.25)

Com isso, a realidade capturada pela imagem fotográfica, apesar de sua condição ficcional, carrega variações do real, que estão internalizadas como informações em seu âmago, o que propicia uma conexão direta entre um sistema cognitivo com a interface fotográfica. Essa mediação é matéria-prima do Umwelt.

O mundo tornou-se de certa forma “familiar” após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica. (KOSSOY, 2001, p.26)

A fotografia, especialmente a documental, torna-se ampla fonte de conhecimento. A imagem fotográfica, da mesma forma que suscita emoções é ao mesmo tempo uma fonte de informação, exatamente por essa última questão que, principalmente, em meados do século XX, o mundo se viu aos poucos sendo substituído por sua imagem.

Ainda na esteira do autor, a fotografia propiciaria uma inusitada possibilidade de autoconhecimento, de recordação, de criação artística, de documentação e denúncia graças a sua natureza testemunhal, ou melhor dizendo, nas palavras de Kossoy, “graças a sua condição técnica de registro preciso do aparente e das aparências” (KOSSOY, 2001, p. 27).

A realidade sempre foi interpretada por meio das informações fornecidas pelas imagens; e os filósofos, desde Platão, tentaram admitir nossa dependência das imagens ao evocar o padrão de um modo de apreender o real sem usar imagens. Mas quando, em meados do século XIX, o padrão parecia estar, afinal, ao nosso alcance, o recuo das antigas ilusões religiosas e políticas em face da investida do pensamento científico e humanístico não criou – como se previa – deserções em massa em favor do real. Ao contrário, a nova era da descrença reforçou a lealdade às imagens. (SONTAG, 2004, p. 169)

De forma mais específica, segundo Sontag (2008), as crenças que não podiam ser mais concedidas à realidade compreendida na forma de imagens, eram concedidas à realidade compreendida como se fossem imagens.

Neste sentido, observamos que a fotografia tem esta capacidade de causar uma sensação de aquisição do “real capturado”. Quando tiramos uma foto temos a impressão que obtemos a “posse temporária” de um determinado objeto (no sentido de “coisa consciente”), ou de uma determinada pessoa. A imagem fotográfica capta a essência do objeto fotografado, torna-se um pouco desse objeto.

Mas é mais do que isso. Susan Sontag cita o filósofo alemão Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872), no prefácio da segunda edição de “A essência do cristianismo”, quando observa que nossa era prefere “a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser” (SONTAG, 2004, p. 169). Com isso, a autora conclui que, ao mesmo tempo, temos a perfeita consciência desta condição da imagem.

E seu lamento premonitório transformou-se, no século XX, num diagnóstico amplamente aceito: uma sociedade se torna “moderna” quando uma de suas atividades principais consiste em produzir e consumir imagens, quando imagens que têm poderes excepcionais para determinar nossas necessidades em relação à realidade e são, elas mesmas, cobiçados substitutos da experiência em primeira mão se tornam indispensáveis para a saúde da economia, para a estabilidade do corpo social e para a busca da felicidade privada. (SONTAG, 2004, p. 169-170).

Talvez o principal fator que leva a imagem fotográfica a se tornar uma estratégia de sobrevivência para a ‘espécie’, seja essa capacidade que a fotografia tem de ser percebida como a própria realidade, sendo “coisa fotografada”, mas como também sendo “coisa”. O que leva a discussão sobre a relação entre Objeto Dinâmico (externo ao signo) e Objeto Imediato (pertencente ao próprio signo) de Charles Sanders Peirce e a importância desta relação na própria concepção de realidade, ou ainda, da percepção do real (BERNSTEIN: 1964; HAUSMAN: 1990; VIEIRA: 1994; LAURENTIZ: 1997, 2007).

Desta forma, ao mesmo tempo, a fotografia se apresenta sendo mediação entre os objetos, não sendo de fato “as coisas/fotografadas do mundo”, deixando clara sua condição ficcional, e sendo também “coisas do mundo”, portanto, objeto mediado e imediato. Mas a grande questão é que deve haver uma coerência entre as coisas do mundo e suas representações/mediações (no sentido de objetivação dos elementos do mundo), pois estas são criadas como estratégias de sobrevivência, conforme o exposto, e não sendo coerente com o real, a espécie não sobreviveria.

Referências

- BERNSTEIN, Richard J. Peirce's, Theory of Perception, In: **Studies in the Philosophy of Charles Sanders Peirce**, E.C. Moore e R.S. Robin (eds.) Amnhest: The University of Massachusdttts Press, p.165-189, 1964.
- DEELY, John . **Semiotics and Jakob von Uexküll's concept of umwelt, Sign Systems Studies** 32. ½, 2004.
- HAUSMAN, Carl R. In and Out of Peirce's percept. In Transactions of Charles Sanders Peirce Society, **Summer**, vol XXVI, nº 3, p. 271-308, 1990.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- PEIRCE, Charles Sanders. The electronic edition of The collected Papers of Charles Sanders Peirce. Utah: **Folio Corporation** (Vol. I-VI edited by Charles Hartshorne e Paul Weiss; vol. VII-VIII edited by Artur W. Burks); Harvard University Press:EUA, 1994.
- LAURENTIZ, Silvia. Sobre as Coisas do Mundo – uma abordagem pela semiótica peirceana in APG, **Associação dos Pós-graduandos da PUC-SP**, vol VI, nº 11,36-45, 1997.
- LAURENTIZ, Silvia. Realidades Mistas – da realidade tangível à realidade ontológica, **Anais 19º Encontro ANPAP**, in http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpa/silvia_regina_ferreira_de_laurentiz.pdf , 2010.
- SONTAG, S. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004
- VIEIRA, Jorge de Albuquerque. **Teoria do conhecimento e arte: formas de conhecimento – arte e ciência uma visão a partir da complexidade**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.
- _____. **Semiótica, Sinais e Organização**. Palestra concedida no Colóquio Questões Metodológicas em Ciências Cognitivas, setembro, Instituto de Estudos Avançados, 1994.
- VITA, Luís Washington. Introdução à Filosofia. São Paulo: Melhoramentos, 1964.